

**DO PENSAMENTO À ESTRATÉGIA  
NA METAPOLÍTICA DO RADICALISMO DE DIREITA  
FROM THOUGHT TO STRATEGY  
IN THE METAPOLITICS OF RIGHT-WING RADICALISM**

AFONSO SILVA<sup>(1)</sup>

Universitat Autònoma de Barcelona, CEDID | Universidade NOVA de Lisboa, IHC,  
FCSH | In2Past  
afonso1999s@gmail.com  
<https://orcid.org/0009-0005-0921-8529>

Texto recebido em / Text submitted on: 29/09/2023

Texto aprovado em / Text approved on: 06/03/2024

### **Resumo**

Este artigo procura contribuir para a compreensão do conceito de metapolítica e da sua prática no âmbito do radicalismo de direita, tendo em atenção a *Nouvelle Droite* e exemplos desta prática no caso português. Partindo do questionamento de Alain de Benoist acerca da relação entre a *Nouvelle Droite* e o pensamento do filósofo Peter Sloterdijk, afirma-se a utilidade do pensamento de Sloterdijk como ponto de partida para a compreensão da metapolítica e, consequentemente, da forma como a *Nouvelle Droite* a encara em torno da relação entre pensamento e estratégia. Atentando não só nessa conexão como também na ligação da discussão das ideias ao impacto político, realçam-se representações históricas transmitidas no caso português em articulação com a abordagem de mudança política caracterizada como metapolítica.

---

(1) Bolseiro de Investigação com Bolsa de Investigação da FCT para Doutoramento a ser realizado na Universitat Autònoma de Barcelona, CEDID, sendo Investigador Colaborador doutorando do Instituto de História Contemporânea.

## Palavras-chave

Metapolítica; *Nouvelle Droite*; Extrema-direita; Cultura; Revolução Portuguesa.

## Abstract

This article seeks to contribute to an understanding of the concept of metapolitics and its practice in the context of right-wing radicalism, taking into account the *Nouvelle Droite* and examples of this practice in the Portuguese case. Starting from Alain de Benoist's questioning of the relationship between the *Nouvelle Droite* and the thought of philosopher Peter Sloterdijk, it affirms the usefulness of Sloterdijk's thought as a starting point for understanding metapolitics and therefore the way in which the *Nouvelle Droite* sees it in terms of the relationship between thought and strategy. Looking not only at this relationship but also at the link between the discussion of ideas and political impact, historical representations transmitted in the Portuguese case are highlighted in conjunction with the approach to political change characterised as metapolitics.

## Keywords

Metapolitics; *Nouvelle Droite*; Extreme-right; Culture; Portuguese Revolution.

## A Prática Metapolítica

Uma das chaves para compreender a prática metapolítica deve partir de uma relação que o próprio Alain de Benoist (2014: 144), fundador da *Nouvelle Droite*, incentiva a estabelecer ao lançar a seguinte questão acerca da *Nouvelle Droite*: «how does it situate itself in relation to Peter Sloterdijk?». Sloterdijk é um filósofo alemão cuja obra de maior destaque é *Crítica da Razão Cínica* e cuja representação da História creio ter interesse também como ponto de partida no âmbito desta relação, nomeadamente a sua descrição de que «in the 19th and 20th centuries people have tried to identify themselves with progress. Not only undergo progress, but be progress, that was man in the 20th century. The self-revolutionary, the self-progressive, the self-liberal», declarando então que «in the 21st century all people will be conservative» (Sloterdijk 2017). Neste artigo, deve, por sua vez, destacar-se que, na modernidade, Sloterdijk (2003: 40) descreve também o desenvolvimento de uma consciência que «ha aprendido su lección sobre la ilustración, pero ni la ha consumado ni puede

siquiera consumarla», sendo a consequência fundamental o facto de que esta consciência «ya no se siente afectada por ninguna otra crítica de la ideología, su falsedad está reflexivamente amortiguada» (Sloterdijk 2003: 40-41). Perante a difusão da forma de consciência descrita, a qual estabelece uma relação particular com perspectivas críticas, deve alertar-se para uma realidade atual que revelará a incapacidade de afirmação do uso da razão pública e a inexistência de distanciamento, assim como a impossibilidade de tomar uma posição crítica efetiva. Através desta descrição, surge o questionamento por parte de Sloterdijk acerca do uso da razão, recorrendo a Walter Benjamin para oferecer uma resposta que descreve a função da crítica num momento em que Benjamin caracteriza como

locos los que se lamentan de la decadencia de la crítica. Pues su hora ya hace tiempo que ha pasado. La crítica es una cuestión de distancia correcta. Ella se encuentra a gusto en un mundo en el que todo depende de las perspectivas y los decorados y en el que es todavía posible adoptar un punto de vista. Mientras tanto las cosas se han acercado cáusticamente a la sociedad humana. La «ingenuidad» de «la mirada libre» es mentira, cuando no expresión totalmente naífe de una incompetencia declarada... (Benjamin 1928/1969: 95 cit. em Sloterdijk 2003: 22).

Assim, Sloterdijk realça também a conversão do pensamento em estratégia devido à impossibilidade de distanciamento e, perante a impotência de uma política de denúncia, este filósofo destaca a inexistência da renúncia ideológica através do confronto com um procedimento crítico como um ponto fundamental da atualidade aliado à própria decadência da crítica. Ora, pensar na forma como a *Nouvelle Droite* se relaciona com este predicamento é um importante ponto de partida para a compreender e enquadrar a própria ideia de metapolítica. É útil, para tal, começar por esclarecer que os autores associados à *Nouvelle Droite* não são os únicos a usar o conceito de metapolítica, o qual pode ser encarado e articulado de formas distintas, sendo aqui importante esclarecer o que permite identificar a metapolítica, cuja compreensão é auxiliada pela descrição da atualidade da crítica apresentada por Sloterdijk, enquadrando historicamente o que se apelida de intervenção cultural ou metapolítica. Num momento em que o pensamento se terá convertido em estratégia e em que o tempo da crítica terá terminado, debruçarmo-nos sobre o que é – e o que deve ser – a metapolítica adquire relevância, sendo este um conceito que não

se deve reduzir à sua aplicação a partir da *Nouvelle Droite*. Creio ser útil então destacar a afirmação de Jason Barker presente na introdução ao livro *Metapolitics* de Alain Badiou, um autor radicalmente distinto de Alain de Benoist, de que «while contemporary political philosophy is renowned for its claim to neutrality and critical reflection, metapolitics makes no attempt to seek ideological immunity for itself» (Barker 2006: xi). É através da abordagem metapolítica, que se define essencialmente pelas consequências de uma abordagem além da reivindicação por neutralidade, que Barker (2006: xi) realça que «for Badiou, philosophers are no more immune to political decision-making than anyone else». Neste domínio das ideias e de uma transformação destas que prepara mudanças políticas e revela um impacto, ultrapassando supostas reivindicações por neutralidade ideológica, já o filósofo Louis Althusser havia alcançado o importante reconhecimento de que

if you want to change historically existing ideas, even in the apparently abstract domain called philosophy, you cannot content yourself with simply preaching the naked truth, and waiting for its anatomical obviousness to enlighten minds as our eighteenth-century ancestors used to say (Althusser 1990: 210).

É, então, perante a ineficácia estratégica de uma mera crítica denunciadora da ideologia e, justamente no âmbito da metapolítica, que se deve assinalar que «the idea that philosophy should stand in speculative opposition to politics (...) is precisely what metapolitics rule out» (Barker 2006: xvii).

Assim, mais além de uma tomada de posição crítica, a metapolítica deve assumir uma ligação à decisão política. Esta conexão no caso da *Nouvelle Droite* merece ser então estudada sem esquecer o enquadramento histórico e reconhecendo que a ligação da discussão das ideias à realidade das decisões políticas é um ponto que define a metapolítica e que pode, no entanto, ser entendida de formas diferentes, procurando-se neste artigo abordar particularmente a *Nouvelle Droite*, realçando exemplos do caso português. Para tal, ter-se-á em consideração a ideia de intervenção cultural reconhecendo, no respeitante aos grupos do radicalismo de direita após o 25 de Abril, que, como relata António Costa Pinto (1995: 120), «it was in the cultural field that the most active groups concentrated their activities in the 1980s», realçando então que «the

themes of the European and American New Right were also introduced under a political system which had been dominated by socialist legacies since 1975». É, então, importante esclarecer o que é a *Nouvelle Droite* reconhecendo que o radicalismo de direita contemporâneo passou por uma fase de renovação no pós-Guerra, devendo destacar-se que, tal como relata Michael Minkenberg (2000: 171), «in Europe, the most important ideological renewal took place with the New Right» (Minkenberg 2000: 180). *Nouvelle Droite* foi o nome que surgiu quando, em 1978, os media franceses se depararam com o Groupement de Recherche et d'Études pour la Civilisation Européene, uma associação de intelectuais de direita liderada por Alain de Benoist cuja formação no final dos anos 60 deu início à *Nouvelle Droite*, tal como relata o seu divulgador em língua inglesa, Michael O'Meara (2013: 65), que esclarece que

in the late sixties, when the GRECE's young founders abandoned the extra-parliamentary world of the far Right for the sake of their Gramscian cultural strategy – or metapolitics – it was with the recognition that the world is a 'battlefield of ideas'.

É a partir da ação deste grupo que se leva a cabo uma renovação ideológica, a qual viria a ser acompanhada por uma renovação organizativa, através da qual «this New Right builds a bridge, or hinge, between established and traditional conservatism and the organizations of the new radical right. It is characterized by its effort to create a counter-discourse to the «ideas of 1968»» (Minkenberg 2000: 179).

Atentando então no contradiscurso que a *Nouvelle Droite* procura levar a cabo, é útil ter em consideração a sua caracterização como contradiscurso ultrapassando tanto a posição crítica como o objetivo de iluminação que Althusser tinha já compreendido ser importante ultrapassar e assumindo, assim, uma prática articulada com um impacto que se procura materializar. No respeitante ao objetivo da *Nouvelle Droite*, Angela Nagle (2017: 38) esclarece justamente que

the French New Right's Gramscian aim, which the alt-right today also shares, was to break with the view that defeat of radical elites or vanguards would enable the restoration of a popular traditional order and instead took stock of how profoundly the 60s had changed the general population and become hegemonic.

É a partir deste reconhecimento que a *Nouvelle Droite* desenvolveria um pensamento estrategicamente afastado do mundo político da velha extrema-direita e assente no facto já descrito por Razmig Keucheyan (2017) de que «renoncer à unir les «comploteurs» et les «nostalgiques» est le fondement de la stratégie culturelle d’A. de Benoist». Assim, Keucheyan (2017) caracteriza este novo foco cultural a que Benoist chamou *metapolítica* como uma estratégia que procura então «introduire patiemment ses catégories de pensée dans la culture dominante». No entanto, o próprio Alain de Benoist e Charles Champetier procuraram, já 30 anos depois da fundação da *Nouvelle Droite*, distanciar a metapolítica da ideia de estratégia, argumentando que

metapolitics is not politics by other means. It is neither a “strategy” to impose intellectual hegemony, nor an attempt to discredit other possible attitudes or agendas. It rests solely on the premise that ideas play a fundamental role in collective consciousness and, more generally, in human history (De Benoist, Champetier 1999: 117).

Neste âmbito, não deve ser o nosso ponto de partida igualar simplesmente a metapolítica a uma estratégia política formal, mas sim procurar compreender como se desenvolve uma inevitável relação entre metapolítica e estratégia através do destaque à existência de consequências como ponto fundamental da ideia de metapolítica, a qual é definida por Guillaume Faye (2001, cit. em Teitelbaum 2019: 259-260) que foi um dos principais membros da *Nouvelle Droite*, como a «social diffusion of ideas and cultural values for the sake of provoking profound, long-term, political transformation». Além de procurar estabelecer uma distinção entre estratégias partidárias e o que denomina como metapolítica já que esta, ao contrário da estratégia partidária, daria primazia às ideias, Alain de Benoist (1993: 182) relata que «the New Right has always been perceived as ‘too intellectual’ by those who, undoubtedly, are not intellectuals» e argumenta que

at any rate, the reproach would not be appropriate if it were accompanied by the claim that the New Right has selected the wrong intellectual strategy. The New Right never selected anything of the kind for the simple reason that it was not what it was about. (de Benoist 1993: 182).

Distanciando a *Nouvelle Droite* da própria ideia de estratégia intelectual, de Benoist (1993: 182) realça, no entanto, as consequências da metapolítica, começando por destacar que «there were always people who claimed that theories are useless, only practical forces are acceptable. However, these people forget that theories set power in motion (often unnoticed)».

Este processo que liga a discussão à decisão política é um dos pontos distintivos da metapolítica, sendo que a decisão no domínio político escapa ao âmbito direto da *Nouvelle Droite*, pelo que uma compreensão completa da metapolítica no campo do radicalismo de direita terá de procurar ir além dos autores que constituíram a *Nouvelle Droite*, sem esquecer a abordagem metapolítica desta. Deve relacionar-se também esta abordagem com um potencial mobilizador além de meras ideias que compõem uma ideologia, sendo que, no caso da *Nouvelle Droite*,

its most influential thinker had been remarkably prolific in disseminating the new discourse. Attuned to the interregnum, it was an exclusively metapolitical one which brilliantly answered Venner's original call for a drastic overhaul of an outdated fascist orthodoxy whose roots in inter-war Nazism were too apparent and which had proved of minimal mobilizing potential in post-war climate (Griffin 2000: 38).

Reafirmando a metapolítica como algo que deve ser articulado com o tempo histórico no qual a *Nouvelle Droite* se desenvolveu, este é um conceito cujo principal denominador é o envolvimento político além da crítica e da política formal, sendo esse envolvimento articulado com a existência de consequências, como se depreende também da resposta de Alain de Benoist acerca da ideia de *think tank* – um termo mais utilizado por de Benoist para definir a *Nouvelle Droite* assim como escola de pensamento, não sendo aquela um movimento político – dizendo «what, then, can a think tank do? It can contribute to the development of ideas and wait for their impact» (de Benoist 1993: 183). É este destaque atribuído ao impacto que remete para a ligação da discussão à decisão política, sendo esta ligação um traço da metapolítica que, por sua vez, se define em torno de consequências. Ou seja, na metapolítica da *Nouvelle Droite*, estamos perante ideias ou uma discussão de ideias na qual a espera pelo impacto é parte integrante daquelas, num pensamento que se associará a mobilizações ideológicas que escapam ao domínio da crítica. No âmbito destas mobilizações ideológicas, é importante ter em

consideração que os próprios partidos da nova extrema-direita «librarían una batalla cultural para tensionar las discusiones, mover la ventana de Overton y marcar la agenda con sus posturas identitárias» (Grinchpun 2023: 159). Assim, é útil atentar na tradução desta abordagem da mudança política no caso de posturas identitárias articuladas pela nova extrema-direita com um conteúdo que acaba por ser distinto da *Nouvelle Droite* e variável de acordo com o país, esclarecendo o que a *batalla cultural* procura ser no domínio da política.

Para tal, é importante tornar claro que esta é uma abordagem além da tomada de posição crítica e que se articula em mobilizações ideológicas que ultrapassam a sujeição à crítica. Nesta lógica além da sujeição à crítica, é essencial não deixar de ter em atenção a existência de uma mobilização que vai além da transmissão cultural e que tem um carácter simultaneamente de interiorização e mobilização ideológicas. Ou seja, é pertinente dar ênfase ao reconhecimento de que esta abordagem não se trata apenas de uma partilha de ideias a serem discutidas, mas é sim acompanhada de mobilizações ideológicas – ao nível da transgressão ou inconformismo por exemplo – cujo conteúdo se procura então articular e em torno das quais se procuram consequências políticas. É neste âmbito que é relevante pensar no conceito de cultura reconhecendo que, como esclarece o psicanalista Jacques Lacan (1978: 14) acerca da cultura, «esta dimensão específica (...) todos os fenómenos sociais no Homem», sendo que a cultura incide na manifestação ou articulação concreta dos próprios fenómenos ideológicos, isto é, confere-lhes um carácter concreto. Estes são também fenómenos que ultrapassam a dimensão discursiva do poder, sendo útil, para a compreensão desta característica dos fenómenos que resultam da intervenção cultural, voltar às palavras de Peter Sloterdijk (2013: 131), o qual afirma que «any theory of culture must be viewed as half-blind if it does not pay attention to the tendencies in cultural life to form internal multi-storey structures – and not only ones dependent on political hierarchies». Este reconhecimento manifesta-se na batalha cultural que se desenvolve justamente além das hierarquias e do poder político, estando então a dimensão cultural sujeita a uma rearticulação constante. Ou seja, existe um reajuste constante dos próprios enquadramentos da realidade – os quais não devem ser encarados apenas como um meio através do qual a entendemos, mas sim como parte integrante da própria realidade onde nos incluímos – sendo importante conceber a rearticulação ideológica sobre a qual pretende

incidir uma intervenção cultural como uma articulação que não se poderá tratar nunca de uma hegemonia estática e completa. Perante mudanças do imaginário, é importante ir além dessa visão de hegemonia para compreender a intervenção cultural e a sua repercussão sob a forma de mobilizações ideológicas que não se reduzem à difusão de ideias. Assim, ao estudar a *batalha cultural*, importa pensar nesta interiorização de visões que ultrapassam o âmbito das estruturas discursivas, estando assentes em representações da realidade social cuja interiorização possibilita a efetividade das estratégias políticas.

Neste âmbito, é útil partir da afirmação de Roger Griffin (2000: 48) de que

the ND's achievement was to have changed the discourse, image, and 'logo' of 1960s Euro-fascism and so turn it into a product sufficiently beguiling to attract the serious attention (and sometimes direct collaboration) of unsuspecting non-fascists and anti-fascists in its critique of the 'system'.

Esta seria então uma crítica baseada em representações difundidas para, nas palavras de Keucheyan (2017), «regagner les cœurs et les esprits». Como relata este autor, «durant des décennies, à côté d'une extrême droite quasi moribonde et qui ne pensait pas, [de Benoist] a fondé groupes de réflexion et revues à un rythme frénétique» (Keucheyan, 2017). No respeitante então ao seu impacto, é acertado reconhecer que «les années passant, et la confusion politique s'accroissant, ses idées se sont imposées dans le débat avec un vigueur insoupçonnable» (Keucheyan, 2017). Porém, na prática da extrema-direita, é importante assinalar que neste âmbito das ideias está em causa proporcionar um enquadramento ou uma identificação ideológica – e não tanto uma ideologia propriamente dita – a partir de representações particulares que na prática da nova extrema-direita se articulará com uma estratégia política, sendo importante ter em atenção estas representações. A este nível, Alain de Benoist e Charles Champeiter (1999: 117) escrevem que

History is a result of human will and action, but always within the framework of convictions, beliefs and representations which provide meaning and direction. The goal of the French New Right is to contribute to the renewal of these sociohistorical representations.

Neste âmbito, observando o caso português, e, de acordo com o referido sobre a disseminação de um discurso numa lógica metapolítica, é pertinente ter em consideração o esclarecimento de Jaime Nogueira Pinto<sup>(2)</sup> de que «o que há de importante no Benoist de *Vu de Droite* é um estilo e uma metodologia» (Pinto 1981: 8 cit. em Madeira 2020: 466), sendo importante ter em atenção as representações transmitidas através desta metodologia de mudança política. Recorrendo nesta metodologia ao filósofo marxista Gramsci, de Benoist (1993: 187) afirma que «since political changes are generically preceded by a conceptual transformation, Gramsci set for intellectuals the task to venture out on the level of values which determine public opinion». Considerando então a representação dos valores que teriam determinado a opinião pública, Jaime Nogueira Pinto procura relatar que,

no plano dos valores políticos de orientação, as forças ideologicamente vencedoras da guerra – o comunismo de Leste e o democratismo ocidental – convergiram ideologicamente num processo de culpabilização e diabolização dos valores nacionais numa amálgama internacional, com os excessos ideológicos e existenciais do hitlerismo e do nacionalismo imperial japonês (Pinto 2008a).

## O trabalho das ideias no pós 25 de Abril

Partindo de uma representação histórica de diabolização de valores que define como nacionais após a II Guerra Mundial, Jaime Nogueira Pinto levará também a cabo críticas ao que seria a determinação da opinião pública por parte da esquerda reforçada pelo Maio de 68 e sobretudo pelo 25 de Abril no caso português. Ao estabelecer uma crítica que se articula com a abordagem de mudança assente numa crítica a um *sistema* que será então representado através de um enviesamento ou um domínio imposto pela esquerda, afirma que «a esquerda teve sempre uma fortíssima carga de maniqueísmo assente não só numa convicção inata de superioridade intelectual (...) como também a ideia de que essa superioridade dos seus princípios e conceções lhe dava,

---

(2) Um dos intelectuais «most inspired by the [Nouvelle Droite] and involved in the cultural field» (Marchi 2016: 237) após a Revolução de 25 de Abril de 1974.

automaticamente, a legitimidade para os impor de qualquer modo» (Pinto 2008b: 244) e argumenta nesse sentido que «isto reforçara-se, claramente, com a experiência de Maio de 68 e a ditadura temporária mas efetiva das minorias de controle» (Pinto 2008b: 244). Ao realçar, tal como a *Nouvelle Droite*, as ideias de 68 a partir das quais aquela estabeleceria um contradiscurso, Jaime Nogueira Pinto relata adicionalmente que «de Maio de 68 ficaram assim sinais culturais que contribuíram para uma mudança na esquerda doméstica que se prolongará no pós-25 de Abril até hoje» (Pinto 2008b: 247) e que, «com o 25 de Abril, uma parte temática de 68, passou de movimento para o Estado e a sociedade» (Pinto 2008b: 247). Nesta descrição particular do caso português, é esclarecedor olhar também para a revista *Crítica XXI*, lançada mais recentemente por Jaime Nogueira Pinto e Rui Ramos no ano de 2022, através da qual se procura destacar o campo das ideias à direita e onde se realça a visão de que «Portugal é há quase meio século governado pelas esquerdas» (Crítica XXI 2022) e particularmente a de que «se estendermos a ideia de poder ao campo cultural, podemos dizer que esse domínio é até anterior à Revolução e permanece mesmo quando as direitas governam» (Crítica XXI 2022). Perante esta representação, Jaime Nogueira Pinto (2022a) traça uma relação entre a crítica ao *regime* político e a crítica assente na visão transmitida acerca de um domínio da esquerda no campo cultural, através da qual se argumenta que a «atmosfera cultural de pensamento único que, além de consagrar o «antifascismo» como ideologia oficial do Regime, designou como única direita admissível a direita da esquerda, ou seja, uma direita de esquerdistas ou centristas arrependidos», pelo que as direitas «abandonaram-se à correção da narrativa antifascista e ao domínio cultural das esquerdas» (Pinto 2022a). É a partir destas representações que chama a atenção para a abordagem destacada, realçando, assim, que «importa o trabalho das ideias» (Pinto 2022a).

A importância de uma intervenção ao nível das ideias surgiria então de um domínio cultural que, por sua vez, se relaciona também com o que Nogueira Pinto (1988: 186) caracteriza como *regime*, referindo-se à democracia resultante da Revolução Portuguesa, o qual é descrito como um

régimen que desde el principio – en términos de legitimidad y mitos fundacionales, de matiz ideológico y constitucional – se reclamó de

izquierda y desarrolló en ciertos campos, *ad limine*, políticas de izquierda. Después de excluir a la derecha.

Ao realçar a exclusão da direita, relata que, no caso da direita portuguesa,

el 25 de abril trajo una decisiva conmoción a este marco, o mejor, lo destruyó totalmente. Desde luego, la identificación, después del golpe, de la derecha con el régimen vencido y la galopante radicalización del proceso político-militar que culmina, el 28 de septiembre de 1974 y el 11 de marzo de 1975, con una clara hegemonia de los elementos más radicales del MFA y del Partido Comunista, neutralizó cualquiera de las tentativas de recomponerse y organizarse de la derecha dentro del marco del nuevo régimen (Pinto 1988: 194).

Assim, é importante esclarecer de que se tratam estes acontecimentos do processo revolucionário, partindo do esclarecimento de Cesário Borge (2016: 72) de que é através da «manifestação da «maioria silenciosa» que Spínola deseja ver concretizada» que «o dia 28 de setembro de 1974 assinala a primeira grande crise do regime democrático» graças ao «confronto entre as duas fações dominantes no Movimento das Forças Armadas: a dos generais e oficiais ligados a Spínola (...) e a dos oficiais (capitães, majores e tenentes-coronéis) da comissão coordenadora do MFA», tendo como desfecho a derrota do general Spínola e a sua demissão da Presidência da República, consumando uma viragem à esquerda na política portuguesa. No respeitante ao 11 de março, Maria Inácia Rezola (2016: 39) afirma que, em 1975, «as notícias de um golpe em preparação tornam-se recorrentes» e é num «ambiente de grande tensão, com as unidades militares repetidas vezes colocadas de prevenção, que surge o ainda hoje polémico episódio da «matança da Páscoa»», uma «lista de pessoas a abater [que] teria cerca de 500 nomes, entre civis e militares, ligados aos setores não marxistas». Perante o caráter polémico deste episódio, deve assinalar-se que, «independentemente de qual a versão mais plausível, do que não há qualquer dúvida é do facto de Spínola ter sido informado de que o COPCON e a LUAR se preparavam para liquidar ou aprisionar cerca de 500 oficiais e 1000 civis que lhe eram afetos» (Rezola 2016: 40), pelo que o general Spínola, «não pretendendo ficar em casa à espera que o viessem eliminar, embarca no golpe» (Rezola 2016:

40). Este golpe de 11 de março de 1975 fracassa e, como consequência, a radicalização do processo revolucionário português acentua-se.

Nesta Revolução, Jaime Nogueira Pinto procura então particularmente destacar que, «con base en episodios nebulosos, de pretendidas conspiraciones o golpes, los elementos radicales del MFA y el Partido Comunista fuerzan una exclusión de derecho y de hecho de la derecha» (Pinto 1988: 195). Através deste realce a representações que devem ser entendidas também no âmbito da metodologia metapolítica da mudança política direcionada ao presente – onde os impactos políticos se baseiam na interiorização de visões assentes igualmente em representações históricas particulares que acompanham um enquadramento ideológico no domínio político –, Jaime Nogueira Pinto conclui que «durante 40 anos, não tivemos uma direita em Portugal. Só a direita da esquerda» (Pinto 2020a). Indo, nestas representações, além do relatado acerca da exclusão da direita que teria sido assim levada a cabo, Nogueira Pinto (2020b: 13) exalta também «a direita que vai tentar resistir, com o duplo objetivo de travar a «descolonização exemplar» (...) e de parar aqui, no continente e ilhas, a esquerda», concluindo, acerca de tal «direita que não queria ser a “direita da esquerda”», que «foi esta a direita que, por isso mesmo, viu os seus direitos políticos e humanos suprimidos». Destacando sempre a «neutralização da direita portuguesa depois do 25 de Abril» (Pinto 2020b: 13), refere que «a estratégia foi eliminar da ação política aquelas centenas de quadros que, na década e meia que precedeu a revolução, tinham mostrado cultura política e capacidade de organização» (Pinto 2020b: 13). Perante uma eliminação da cultura política de direita articulada com a Revolução Portuguesa, foca-se também no espaço político que viria a constituir a direita portuguesa, dizendo que a «liquidação e neutralização passou-se perante a maior indiferença, quando não satisfação, dos partidos ditos «de direita», homologados pelo MFA» (Pinto 2020b: 14) e traça então um argumento direcionado à atualidade, afirmando que

esta atitude de total incoerência em relação às suas convicções democráticas e humanistas continuou com a conivência com as prisões do 28 de Setembro. É a mesma direita conivente que ainda por aí anda, fazendo do Chega e de Trump os seus inimigos principais (Pinto 2020b: 14).

Nesta ligação das representações transmitidas à atualidade, Nogueira Pinto destaca o impacto político do partido Chega, não fazendo, no

entanto, parte deste partido, ao afirmar que «o Chega veio reequilibrar a direita» (Pinto 2020c) a partir da representação de que «durante 40 anos não tivemos uma direita em Portugal. Só a direita da esquerda» (Pinto 2020a), sendo que «nas últimas décadas, tivemos sempre, ou governos de esquerda, ou uma direita envergonhada, com medo de ser apelidada de fascista. Nunca se afirmou, mas o Chega acabou com essa situação» (Pinto 2020c). Neste âmbito, Nogueira Pinto (2022b) critica os «líderes das tais direitas ‘civilizadas’», acusando-os de «grande cobardia ideológica» ao «enquadrar tudo na história do antifascismo, do antifascismo segundo a esquerda» e apresenta, assim, o Chega como o partido que «trouxe um reequilíbrio, ou pelo menos um esforço para o reequilíbrio, do leque político-partidário em Portugal», sendo que Nogueira Pinto (2023) considera então que «o Chega foi diabolizado, como seria diabolizado qualquer partido que aparecesse fora da correção política, social e cultural oficial do Regime». Através desta representação do *regime*, o impacto político do radicalismo de direita é visto como um reequilíbrio numa normalização contraposta a uma correção política também ao nível cultural onde a metodologia da *Nouvelle Droite* realçada por Jaime Nogueira Pinto precederia e acompanharia um suposto renascimento da direita verificado então politicamente, cuja exclusão no caso português se deveria ao 25 de Abril. Também para Diogo Pacheco de Amorim<sup>(3)</sup>, atualmente deputado pelo partido Chega, deve representar-se a Revolução Portuguesa como uma revolução capaz de impor um domínio da esquerda não só no âmbito político, como também no cultural e na opinião pública, criticando também o que descreve como «um regime claramente enviesado à Esquerda, o qual tem sido o nosso» (Amorim 2022: 5).

Diogo Pacheco de Amorim (2021) baseia a sua crítica ao sistema democrático resultante da Revolução de 25 de Abril de 1974 nas representações do próprio processo revolucionário, relatando que

durante aqueles dois anos, aquilo foi de facto uma revolução nas próprias estruturas e infraestruturas da sociedade, ou seja, na banca, nas universidades, nos jornais, em todo o lado, tudo o que podia ser vagamente de direita foi expulso, saneado e substituído pela esquerda.

---

(3) «One of the most active members of the group involved in the dissemination of the ND [Nouvelle Droite] through the right-wing press, especially in the weekly O Diabo from 1979»

Graças às ações do período revolucionário, traça uma representação na qual a esquerda «controla as universidades, principalmente as áreas das ciências humanas (...) e nos jornais a mesma coisa». Assim, «tudo aquilo que é vital para o controlo das infraestruturas culturais (...) estão completamente controladas pela esquerda» e critica então a «infiltração que eles fizeram nas faculdades de ciências humanas e no mundo da cultura», pois «foi isso que veio dar, ainda hoje, (...) a extrema-esquerda no papel dominante em Portugal». Através destas representações da Revolução Portuguesa, o divulgador da *Nouvelle Droite* e agora deputado do Chega conclui que «o combate cultural é essencial», incitando assim a esta abordagem para «combater o Marxismo Cultural» (Amorim 2021). Perante uma determinação política e cultural que apenas possibilitaria a existência de uma «direita da esquerda» (Pinto 2020b), o partido Chega (2021) procura afirmar-se precisamente como «a direita de direita (...) contra o regime que, desde 1974, subverteu a ordem moral da tradição secular portuguesa». Esta reivindicação enquadra-se precisamente no entendimento da *Nouvelle Droite* de que «today's so-called Right might be characterized as a «center,» constituting the Left's Right» (O'Meara 2013: 19), sendo articulado na política portuguesa com o 25 de Abril através de representações históricas, nas quais a identificação ideológica da nova extrema-direita também se baseia.

### Considerações Finais

As representações destacadas traduzem-se politicamente na afirmação de uma verdadeira direita que seria então uma força reequilibradora perante um domínio da esquerda que, por sua vez, incitaria ao combate cultural – uma ideia reivindicada pelo próprio líder do partido Chega que afirma que a «war of our time, it's a culture war» (Ventura 2023) – de acordo com a estratégia das novas extremas-direitas de «escorar hacia la ultraderecha la opinión pública» (Forti 2021: 165). Esta estratégia transmitida como um reequilíbrio perante um domínio antinatural ou imposto pela esquerda articula-se com a abordagem metapolítica indo de encontro à característica desta realçada por Keucheyan (2017) que afirma que «la métapolitique consiste à mélanger ses idées à celles du camp d'en face, au point de les rendre indistinguables, et à les attribuer au «people»». Neste âmbito, procurar-se-ia transmitir que «ce qui passe

pour de la droitisation est une opinion depuis toujours majoritaire, mais qui n'osait pas s'exprimer jusque-là». Esta suposta incapacidade de expressão que se procura realçar através da abordagem metapolítica está justamente presente no caso português, tendo como particularidade a sua articulação também com a Revolução de 25 de Abril de 1974, sendo este acontecimento relacionado com a exclusão da direita e das ideias de direita – temas destacados através de representações que acompanham a mobilização e o enquadramento ideológico fornecidos pela nova extrema-direita. Seriam então as consequências da Revolução que não permitiriam a expressão das suas ideias, as quais, por sua vez, se apresentarão como sentido comum face a uma imposição ao nível de valores e opiniões dominantes. Esta apresentação permitirá a integração de um pensamento numa suposta crítica ao sistema, constituindo-se como ideias nas quais a espera pelo impacto é parte integrante delas numa estratégia que parte da interiorização de representações da realidade social que possibilita a efetividade das estratégias políticas. Realçando-se a importância de um enquadramento ideológico articulado com uma tentativa de introdução de categorias de pensamento no espaço público, é útil reafirmar que na ligação à decisão política ou impacto político que procurei afirmar como ponto fundamental da metapolítica, a estratégia cultural da *Nouvelle Droite* assumir-se-ia também como um «Gramscian mould from the right» (Bar-On 2013: 145). No que Tamir Bar-On (2014: 2) caracteriza como «metapolitical approach» à mudança política, é, no entanto, pertinente ter em conta o esclarecimento de Diego Luís Sanromán (n.d.: 4) de que, em Gramsci, estamos perante um «objetivo de un proceso de constitución de un sujeto colectivo en pugna por su emancipación» que, por sua vez, «se convierte en los teóricos de la [Nouvelle Droite] en un simple recurso táctico tendente a la apropiación de los aparatos ideológicos como productores de los mitos socioculturales dominantes» (Sanromán n.d.: 4-5).

Neste âmbito da introdução das suas ideias, destaca-se justamente uma estratégia de estruturação da realidade social que, indo além da estratégia política formal, revela também a importância de um enquadramento esclarecido pelo próprio ex-presidente da GRECE Jacques Marlaud (2008 cit. em Camus e Lebourg 2020: 145) que define a metapolítica como

todo trabajo de reflexión, análisis, difusión de ideas y prácticas culturales susceptibles de influir a largo plazo en la sociedad política.

Ya no se trata de tomar el poder, sino de proporcionarle un alimento ideológico, filosófico y cultural capaz de orientar (o contradecir) sus decisiones.

Não se deve, no entanto, aqui afirmar a existência de uma reprodução discursiva da *Nouvelle Droite* e do seu pensamento e mundivisão no atual radicalismo de direita, evidenciando-se sim, como assinalado, uma adoção metodológica reconhecendo, tal como Taguieff (1994: viii) afirmou, que «il s'agit donc d'éviter d'attribuer au grece les avatars idéologiques et politiques de certaines composantes de son discours». Esclarecendo-se então a importância de uma compreensão, quer além da reprodução discursiva, como além das estruturas discursivas numa mera transmissão hegemónica de ideias particulares, é importante situar a existência de uma metodologia associada a um trabalho das ideias que adquire uma dimensão estratégica sendo articulada com mobilizações assentes numa interiorização de um enquadramento ideológico. Nele incluem-se também as representações históricas, sendo de realçar, no caso português, a rutura histórica que a Revolução Portuguesa significa e em torno da qual se trabalha também ao nível da interpretação e ressignificação, procurando-se constituir um novo campo de referência político-ideológico.

## Bibliografia

- Althusser, Louis (1990). *Philosophy and the Spontaneous Philosophy of the Scientists and Other Essays: Is it Simple to be a Marxist in Philosophy?* (Gregory Elliott, ed.). New York: Verso.
- Amorim, Diogo Pacheco de (2021). *1ª Academia Política do CHEGA - Diogo Pacheco de Amorim*. <https://www.youtube.com/watch?v=rH93yffHy3rU> (acesso em setembro de 2023).
- « — » (2022). “Uma Constituição a rever”, *Folha Nacional*, 28, 5.
- Barker, Jason (2006). “Translator’s Introduction”, in Alain Badiou, *Metapolitics*. New York: Verso, vii-xxx.
- Bar-On, Tamir (2013). *Rethinking the French New Right: Alternatives to Modernity*. London: Routledge.
- « — » (2014). “The French New Right. Neither Right, nor Left?”, *Journal for the Study of Radicalism*, 8, 1, 1-44.

- Borga, Cesário (2016). "Crise de 28 de setembro de 1974", in António Reis, Maria Inácia Rezola, Paula Borges Santos (ed.), *Dicionário de História de Portugal. O 25 de Abril. Volume 3. Figueirinhas*, 59-67.
- Camus, Jean-Yves, Lebourg, Nicolas (2020). *La extrema derecha en Europa. Nacionalismo, xenofobia, odio*. Buenos Aires: Capital Intelectual.
- Chega (2021). *Programa Eleitoral Legislativas 2022*. <https://partidochega.pt/programa-eleitoral-legislativas-2022/> (acesso a dezembro de 2021).
- Crítica XXI (2022). *Crítica XXI*. <https://www.criticaxxi.pt/> (acesso em setembro de 2023).
- De Benoist, Alain (1993). "Three interviews with Alain de Benoist", *Telos*, 98-99, 173-207.
- « — » (2014). "Alain de Benoist Answers Tamir Bar-On", *Journal for the Study of Radicalism*, 8, 1, 141-168.
- De Benoist, Alain, Champetier, Charles (1999). "The French new right in the year 2000", *Telos*, 115, 117-144.
- Forti, Steven (2021). *Extrema derecha 2.0: qué es y cómo combatirla*. Madrid: Siglo XXI de España Editores.
- Griffin, Roger (2000). "Between metapolitics and apoliteia: the New Right's strategy for conserving the fascist vision in the 'interregnum'", *Modern and Contemporary France*, 8, 2, 35-53.
- Grinchpun, Boris Matías (2023). "Comentario Bibliográfico: Steven Forti, Extrema derecha 2.0. Qué es y cómo combatirla (Madrid: Siglo XXI, 2021)", *Revista Rey Desnudo: Revista de Libros*, 11, 22, 151-165.
- Keucheyan, Razmig (2017). "Alain de Benoist, du néofascisme à l'extrême droite «respectable» Enquête sur une success story intellectuelle", *Revue du crieur*, 6, 1, 128-143.
- Lacan, Jacques (1978)[1938]. *A Família* (Brigitte Cardoso e Cunha, Ana Paula dos Santos, Graça Lamas, Graça Lapa, trad.). Lisboa: Assírio e Alvim.
- Madeira, Bruno (2020). «Homens entre ruínas»? *Ideias, narrativas, mundividências e representações das Direitas radicais portuguesas (1974-1985)*. Dissertação de 3º ciclo de estudos no Doutoramento em História na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Marchi, Riccardo (2016). "The Nouvelle Droite in Portugal: a new strategy for the radical right in the transition from authoritarianism to democracy", *Patterns of Prejudice*, 50, 3, 232-252.
- Minkenberg, Michael (2000). "The renewal of the radical right: between modernity and antimodernity", *Government and Opposition*, 35, 2, 170-188. doi: <https://doi.org/10.1111/1477-7053.00022>

- Nagle, Angela (2017). *Kill all normies: Online culture wars from 4chan and Tumblr to Trump and the alt-right*. John Hunt Publishing.
- O'Meara, Michael (2013). *New Culture, New Right: Anti-Liberalism in Postmodern Europe*. London: Arktos.
- Pinto, António Costa (1995). "The Radical Right in Contemporary Portugal", in Luciano Cheles, Ronnie Ferguson & Michalina Vaughan (ed.), *The Far Right in Western and Eastern Europe*, Longman. London: Longman, 108-128.
- Pinto, Jaime Nogueira (1988). "La derecha y el 25 de abril: Ideología, estrategia y evolución política", *Revista de estudios políticos*, 60, 185-208.
- « — » (2008a). *Valores Nacionais e Novas Formas Institucionais*. <https://www.revistamilitar.pt/artigo/317> (acesso em setembro de 2023).
- « — » (2008b). "Maio de 68 e nós", *Povos e Culturas*, 12, 237-248.
- « — » (2020a). *Jaime Nogueira Pinto: "Durante 40 anos não tivemos uma direita em Portugal. Só a direita da esquerda"*. <https://visao.sapo.pt/ideias/2020-08-19-jaime-nogueira-pinto-durante-40-anos-nao-tivemos-uma-direita-em-portugal-so-adireita-da-esquerda/> (acesso em setembro de 2023).
- « — » (2020b). "A Direita e as Direitas no tempo da Esquerda", in Riccardo Marchi, *À direita da revolução: resistência e contrarrevolução no PREC (1974-1975)*. Objectiva, 7-15.
- « — » (2020c). *Jaime Nogueira Pinto: "O Chega veio reequilibrar a direita e André Ventura, ao contrário de Trump, 'aguenta' quando o atacam"*. <https://visao.pt/atualidade/politica/irrevogavel/2020-11-11-jaime-nogueira-pinto-o-chega-veio-reequilibrar-a-direita-e-andre-ventura-ao-contrario-de-trump-aguenta-quando-o-atacam/> (acesso em setembro de 2023)
- « — » (2022a). *Crítica XXI. "Há mais mundo para além da Esquerda"*. <https://www.dn.pt/politica/critica-xxi-ha-mais-mundo-para-alem-da-esquerda-15223999.html> (acesso em setembro de 2023).
- « — » (2022b). *Nogueira Pinto considera que Chega veio reequilibrar espectro político*. <https://www.noticiasaoiminuto.com/politica/1952310/nogueira-pinto-considera-que-chega-veio-reequilibrar-espectro-politico> (acesso em setembro de 2023).
- « — » (2023). *PSD recusa dizer não ao Chega*. <https://www.dn.pt/politica/psd-recusa-dizer-nao-ao-chega-15751816.html> (acesso em setembro de 2023)
- Rezola, Maria Inácia (2016). "Crise de 25 de novembro de 1975", in António Reis, Maria Inácia Rezola, Paula Borges Santos (ed.), *Dicionário de História de Portugal. O 25 de Abril*. Volume 3. Figueirinhas, 43-59.

- Sanromán, Diego Luís (n.d.). "La Nueva Derecha en Europa: una revisión crítica", *Elementos de Metapolítica para una Civilización Europea*, 5, 3-14.
- Sloterdijk, Peter (2003) [1983]. *Critique of Cynical Reason* (Miguel Ángel Vega, trad.). Madrid: Siruela.
- « — » (2013) [2009]. *You Must Change Your Life* (Wieland Hoban, trad.). Cambridge: Polity.
- « — » (2017). *Modernity as a Culture of "Bastards"* | Peter Sloterdijk. <https://www.youtube.com/watch?v=H31Q9C2n1TI&pp=ygUibW9kZXJuaXR5IGFzIGegY3VsdHVyZSBvZiBiYXN0YXJkcw%3D%3D> (acesso em setembro de 2023)
- Taguieff, Pierre-André (1994). *Sur la Nouvelle Droite*. Paris: Descartes & Cie.
- Teitelbaum, Benjamin (2019). "Daniel Friberg and Metapolitics in Action", in Mark Sedgwick (ed.), *Key Thinkers of the Radical Right: Behind the New Threat to Liberal Democracy*. New York: Oxford University Press, 259-275.
- Ventura, André (2023). *Líderes europeus aplaudem discurso de André Ventura na Hungria*. <https://www.youtube.com/watch?v=i83gyXD-w34&pp=ygUVVYW5kcmUgdmVudHVyYSBodW5ncmlh> (acesso em setembro de 2023).